

Cinema: A volta dos épicos da Antiguidade Clássica, por Flavio Botton

O cinema épico que se voltava para os temas da Antiguidade Clássica estava em estado de hibernação. Desde *A Queda do Império Romano* (de 1964, com Sophia Loren, Alec Guinness e Stephen Boyd), sintomaticamente o último grande filme épico clássico realizado nos estúdios de Hollywood antes do atual “renascimento”, não víamos uma seqüência tão grande e tão intensa de “saudosismo clássico”.

A redescoberta do filão deveu-se ao sucesso e a ousadia de Ridley Scott, que com o seu *Gladiador* (de 2000, com Russell Crowe e Joaquin Phoenix) faturou por volta de trinta e cinco milhões de dólares, só nos Estados Unidos na primeira semana. Como já apontava em cena célebre o personagem Maximus “O que fazemos em vida ecoa na eternidade”. Sendo assim, o sucesso da saga do general romano rebaixado a gladiador, deu frutos e sinal verde para as novas produções épicas.

Nesta esteira, assistimos a pouco uma insossa tentativa do alemão Wolfgang Petersen de levar a fabulosa *Ilíada* à grande tela. Em *Tróia* (de 2004, com Brad Pitt), a sede de bilheteria dos estúdios abandona qualquer respeito ao poema homérico, deixando de lado a sua parte mais saborosa, a guerra entre os deuses que se desenrola por trás da guerra dos homens. Alguém deveria ter dito a Petersen e aos seus roteiristas que Homero nos encanta com o seu mundo mágico, que nos leva de volta a infância da humanidade, e não com sua descrição sanguinolenta de batalhas, pois disso já estamos repletos.

Por fim, chegamos a *Alexandre* (também de 2004, Collin Farrel, Angelina Jolie e Antony Hopkins), do premiado diretor Oliver Stone (de *Platoon*, *Nascido a Quatro de Julho*, entre outros). A história do grande imperador da Macedônia talvez seja a menos comercial de todas, mas também teve de fazer suas concessões. Devido ao puritanismo e ignorância do público (entidades de advogados gregos chegaram a propor boicote ao filme), os cortes para amenizar as práticas homoeróticas do imperador deixaram o roteiro visivelmente esfacelado. Já aqui, a famosa frase de Alexandre contradiz a realidade, pois nem sempre a Fortuna favorece o audacioso.